

Dori Nigro

TEXTO / TEXT

SEREI/AFRODIASPÓRICA

DDD — Festival
Dias da Dança

Dedico esta caminhada à memória das Sereias que atravessaram mares para viverem sonhos na diáspora.
Ao Sr. Alassana Bary que confeccionou a primeira indumentária e ao revelar-me seus sonhos,
despertou meus sonhos adormecidos.
Ao Sr. António Alfaiate que se encantou antes que pudesse lhe encomendar indumentárias,
deixando na minha memória a lembrança física do seu fazer elegante e discreto no antigo ambiente de trabalho.

A diáspora africana aponta para muitos caminhos. Nessa trama de muitas possibilidades para pensarmos as dispersões e travessias das populações negras, ressaltamos os aspectos que evidenciam o poder das sabedorias atravessadas e da inventividade de seres afetados pela retirada compulsória de seus lugares de origem. É neste sentido que para nós a diáspora africana configura-se como uma encruzilhada (SIMAS & RUFINO 2018, p. 41').

Serei/Afrodiaspórica é uma macumba, um ritual, um ebó, encruzilhadas que se fazem pela caminhada e pelo afeto.

Os fios que tecem estas encruzilhadas foram forjados pela ancestralidade. Sou filho de mãe branca e pai negro. Sou Sereia. Nasci no Distrito da Encruzilhada. Meu corpo é uma encruzilhada de contradições. Sou feito de retalhos que (des)conheço. A genealogia expõe o corpo marcado pela história, e a história que arruína o corpoⁱⁱ.

Quantas sereias há no mar? Quantas sereias quereriam cantar? Minha avó temia o mar por saber o segredo do mar. Quem é do mar traz na pele e alma o banzo ancestral. Quem é do mar sabe os caminhos das encruzilhadas.

Na encruzilhada do fundo do mar somos Ebó para Olocun
Na encruzilhada da beira do mar somos Ebó para lemanjá.
Na encruzilhada da terra somos Ebó para Exu.
Na encruzilhada da mata somos Ebó para Cururipa.

“As encruzilhadas são lugares de encantamento para todos os povos”ⁱⁱⁱ. Nas diásporas africanas, as encruzilhadas tornaram-se lugares de incorporação, comunicação, aquilombamento e axé. As encruzilhadas são lugares de força, de energia vital.

Pus os pés pela primeira vez num Terreiro de Candomblé - espaço de religião de matriz africana e das principais formas de resistência à Escravidão e Colonização, num contexto em que cursava a graduação em pedagogia. Pisar num Terreiro foi um gesto simbólico de *reparação do eu*^{iv}, assim como uma pedagogia de resistência diante de uma história única ensinada na escola – “aparelho ideológico de reprodução da sociedade e mecanismo de manutenção do seu poder”^v.

As pedagogias coloniais abafam qualquer voz, canto, pela profecia do medo. Diante do medo projetado em mim, assimilei o repúdio contra qualquer manifestação e traço de negritude, a começar pelo meu corpo: alvo principal. Para Grada Kilomba, “a política do colonialismo é a política do medo”^{vi}.

Ter consciência de aquele medo não era meu, me fez compreender o aniquilamento da ginga das rodas de capoeira da comunidade onde cresci. Aquele mesmo medo converteu espaços de Candomblé em igrejas evangélicas, inspecionando e punindo todo o corpo dançante em nome da fé num Deus único.

A *conscientização*^{vii} de que aquele medo era uma estratégia histórica e ideológica de apagamento e engessamento, em fórmulas de colonialidades, levou-me a cruzar com outros caminhos (meta)físicos, encontrando meios de sobrevivência através do cuidado e do afeto. Era preciso, portanto, banhar-me com a energia das matas, das águas, das encruzilhadas. Descolonizar a minha mente. Aquilombar-me enquanto ato simbólico, estrutural e ontológico.

A *conscientização* é um gesto coletivo, que implica um fazer contínuo e continuado, do estar com os pés no chão, assentes na realidade concreta, para dela criar distância. É preciso recriar outras

abordagens para enfrentar a realidade. Caminhar com os pés nos mitos permite-me forjar a realidade. “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”^{viii}.

A Orixá lemanjá, grande mãe, no seu enorme afeto, acompanhou a minha avó materna e foi confirmada para mim na leitura dos búzios. As divindades afrodiáspóricas são o chão de nossa caminhada. É preciso ter pés no chão para acessar seus elementos, seus poderes e cuidados. É preciso ter pés no chão para tomar consciência de nossas próprias histórias e das que vieram antes de nós.

Pisar no chão do Candomblé levou-me a querer encontrar o Terreiro frequentado por minha avó materna, Elisabete, nos anos 70 e 80, na mesma cidade onde cresci. Depois de idas e vindas descobri que o seu Terreiro fora convertido em igreja evangélica.

Minha mãe rompeu o medo ao desenterrar uma história de dor e perseguição que cerceou a vida de minha avó. Depois do falecimento de minha avó, ninguém ousou falar de sua fé, como se quisessem apagar a sua religiosidade sincrética diante de uma liberdade clandestina

Minha avó era filha de Orixá e de Santa. Incorporava lemanjá e era adepta da Conceição. Vestia-se com os tons das entidades, azul e branco, mesclados com outros acessórios. Diante da imposição da religião do colonizador, na artimanha de existência/resistência, o culto a lemanjá era forjado, pelas pessoas escravizadas, através da imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Neste tecido ténue de contradições e ambiguidades, ainda hoje, muita(o)s filha(o)s de Orixás têm um pé fincado no Catolicismo assumida na devoção de Santa/os.

Mesmo após a abolição da escravatura incorporar manifestações religiosas e culturais de matriz africana era um risco. Por outro lado, as práticas das negritudes eram embranquecidas para serem aceitas. lemanjá era vestida por uma alma branca. Segundo Zeca Ligiero, a negritude só passou a ter alma, para a igreja Católica, nas leituras da bula papal Immensa Postorun, do papa Bento XIV, na segunda metade do século XVIII. No entanto, esta alma negra para ser validada devia passar pelo crivo de uma alma branca^{ix}.

Embranqueceram lemanjá, assim como a Nossa Senhora do Loreto. Não era suposto Orixá nem tampouco Santa negra. Era preciso clarear e inspecionar, o credo, e corpo negro, diante de ideologias assentes numa lógica de embranquecimento racial de um passado-presente.

Recentemente, sob o governo de Jair Bolsonaro, um grupo de Candomblecistas foi atacado a tiros enquanto prestavam oferendas à lemanjá na praia da Bica, no Rio de Janeiro. Esta realidade de violência e perseguição é um espelhamento social das engrenagens universal do racismo que se reflete numa das maiores diásporas de matriz africana do mundo.

Cresci escutando dentro de casa que meu pai, apesar de negro de pele escura, tinha alma branca. Ter a alma branca significava que ele era um negro suposto, caminhava conforme aquilo que se queria e esperava de um negro. Diante desse espelho social reproduzia o modelo, vestindo-me de alma branca para melhor ser aceito nas passarelas sociais.

As camadas cotidianas do racismo anti-negritude penetra nas micro e macroestruturas sociais, criando medo e repúdio a qualquer traço emancipador de negritude, reproduzidos tanto pelas pessoas brancas como negras. Vestido por uma alma branca, só me reconheci como negro aos dezesseis anos.

Durante a minha infância lembro-me de assistir pela televisão, com minha mãe, aos concursos de misses. Ela trabalhava esmaltando unhas e escovando cabelos no seu modesto salão de beleza. Minha mãe se interessava em ver os penteados das misses nas passarelas para utilizar como referência na sua clientela.

No meu imaginário infantil via-me desfilando naquelas passarelas. Porém, a realidade concreta fazia-me aterrar no chão. O que mais me recordo daqueles desfiles foi de nunca ver, em nenhuma

das edições que assisti, uma miss negra ser coroada. Em quase setenta anos de concurso, apenas três misses negras foram escolhidas para representar o país no Miss Universo.

Aquela passarela ditava um modelo e padrão único de beleza e de estética a ser seguido, padrão também seguido no corpus de jurados. Aquele eco dos anos 90 parecia nunca sair de moda. Era um modelo único que se espelhava em outras passarelas sociais e que muitas pessoas caminhavam e se beneficiavam por elas.

Talvez tenham sido despertados naqueles desfiles das misses o meu interesse pela moda. Quando adolescente, em 2007, entrei numa agência de modelos da cidade onde cresci. Recordo-me da recusa que implicava sempre nuns corpos em detrimento de outros. Os corpos que caminhavam sobre a passarela da semana de moda da capital eram sempre os mesmos. E aquele padrão se repetia nos estilistas diante de uma passarela pouco plural.

O meu corpo era demasiado escuro para ser branco e claro para ser negro. Passados dez anos pisei na passarela de um dos maiores eventos de moda de Portugal. Conte nos dedos das mãos, a começar por mim, o número de pessoas negras na passarela diante de um casting de noventa modelos. O mesmo modelo se repetia nos criadores, com uma triste realidade que não ultrapassava o zero. Voltei atrás dez anos. Caminhei no passado com pés conscientes do quão frágil era aquele solo.

A *conscientização* e aprendizagens com os múltiplos gestos de resistências levou-me aos passos criados pelo multiartista e ativista dos direitos da negritude, Abdias Nascimento. Nos anos 70, através do Teatro Experimental do Negro, TEN, Abdias e Maria do Nascimento reclamaram a sub-representatividade negra no setor artístico, assim como na moda, criando, em espaços *undergrounds*, concursos de misses e de beleza negra para reparar os apagamentos históricos contra a negritude. Os passos de Abdias e Maria muito nos ensinam quando ainda nos deparamos com passarelas sociais que continuam segregando vidas por um recorte racista, capacitista e etarista.

Enquanto organização política, estética, artística e social, o TEN enfrentou o racismo compreendendo que, para isso, seria fundamental a valorização da cultura africana e afro-brasileira. Sua estratégia de ação nos ensina que “o ato de tomar a palavra para transformar as relações é a base para bloquear o silêncio enquanto condição de subalternidade” (Dias, 2016, p. 66^x).

A caminhada não se faz só. É preciso estar com. E estar com é um ato de revolução. Estar com requer transformação coletiva, crescente e consciente. É preciso, portanto, limpar as mazelas coloniais para retomar os caminhos e ações que transformam. A caminhada é, pois, um gesto coletivo e que aqui se conjuga melhor no gerúndio.

Serei/Afrodiaspórica é uma caminhada, um estado de presença, atravessamento, de escuta. Pausa. É preciso desacelerar, e recuar, para avançar para além das passarelas, dos mares, fronteiras, diásporas. Ter pés com raízes, ter pés aterrados no Àiyé, mas também com asas para o Òrun, na junção de todas as metades secretas, sincréticas do Òrun- Àiyé^{xi}. O poema de Raquel Lima melhor traduz este segredo.

“É preciso ter asas com raízes”^{xii}.

Gosto de pensar a caminhada como fenómeno atemporal, que dilui o *Crono*. Caminhar é alteridade. Pisar no agora é pisar no antes do agora, no agora do antes. Para pisar neste chão foi preciso que outros pés pisassem. Caminhar é, portanto, um gesto político. Caminhar é identidade. “E a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”^{xiii}.

O caminho se faz caminhando. Sempre há caminho para caminhar. Quando achamos que o caminho está esgotado, outros se revelam. Caminhar é a encruzilhada dum verbo que não tem pressa.

Caminhar não tem segredo. É preciso saber andar para frente, com os pés virados para trás. Na mitologia dos povos originários, Curupira é uma entidade que não deixa rasto. Por saber andar para frente, mas com os pés virados para trás, na sua artimanha de resiliência, inerente às divindades,

Curupira ludibria os caçadores na mata adentro. É preciso pedir licença antes de pisar na mata e fazer fumo para limpar os caminhos que levam a entidade. “Não deixar rasto é próprio das divindades. É um gesto que está fora do alcance humano”^{xiv}.

Ao humano cabe aprender a desnudar-se dos pés à cabeça, enquanto gesto da mais ancestral humildade, para acessar as divindades. Para Barbara Walker^{xv}, “egípcios, babilônios e outros povos antigos consideram essencial pisar-se os lugares sagrados com os pés descalços para se poder captar as influências da MãeTerra”.

“Camã na ca sa longi d’opé fa”^{xvi}

No mito de Vaishvanara, “os pés correspondem à terra, com a qual eles estabelecem o contato com a manifestação corporal”^{xvii}. Pisar no chão corresponde a um sentido de realidade. Dar o primeiro passo requer coragem. Pisar é deixar e receber marcas em simultâneo. Pisar é um verbo transitório que necessita ou não de algo ou alguma coisa para acontecer.

Pisar é estar sendo, chegando. Pisar é estar em transe, trânsito. Encruzilhada. Pensa na caminhada como um gesto de realização de sonhos. Pisar, aqui, é manter a esperança de estar sendo, realizando, sonhando. Caminhar é transformar sonhos em possibilidades, mudar as coisas do lugar. Transformar. Destruir para construir.

“Toda vez que damos um passo, o mundo sai do lugar”^{xviii}.

Serei/Afrodiaspórica é uma rede tecida pelos afetos, uma oferenda que sabe do sentido que carrega, que abraça, que acolhe, que cuida e que é acolhida. É uma caminhada sobre afetos, que despertam para outros afetos, apontando para um diálogo possível entre afetos diversos personificado pelo corpo, pela veste, pelo cabelo, pelo olho, pelo pé, pela (des)crença, pelo político, pelo poético.

De alguma forma todas/todes/todos que aqui estamos somos uma oferenda do-e-para o mundo. Somos afetados por metades, ambiguidades, contradições.

Somos sereias que trazem (en)cantos, mas “as sereias, porém, possuem uma arma ainda mais terrível do que seu canto: seu silêncio”^{xix}.

Dori Nigro

ⁱ SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Mórula editorial, 2019.

ⁱⁱ Pensamento de Michel Foucault (1979).

ⁱⁱⁱ Ideia elaborada por Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2019).

^{iv} Ideia elaborada por Grada Kilomba (2019).

^v Pedrinho Guareschi aprofunda esta reflexão no livro sociologia crítica: alternativas de mudança (2008).

^{vi} Pensamento de Grada Kilomba (2019).

^{vii} Ideia elaborada por Paulo Freire em Conscientização (1979).

^{viii} Pensamento de Mircea Eliade em Myth and Reality (1963).

^{ix} LIGIÉRO, José. Iniciação ao Candomblé. Rio de Janeiro: Editora Record Nova Era, 1998.

^x GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, v. 41, n. 21, p.140- 168, set.-dez.2002.

^{xi} É uma palavra em iorubá que significa o encontro do céu, mundo espiritual, com a terra, mundo físico.

^{xii} Poema de Raquel Lima do livro ingenuidade, inocência, ignorância (2019)

^{xiii} Pensamento de Kathryn Woodward em Identidade e diferença (2011).

^{xiv} Dicionário dos símbolos (2010), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

^{xv} Dicionário dos símbolos - objetos sagrados da mulher (2002), de Barbara W.

^{xvi} “A estrada nunca é longe para os pés” - provérbio são-tomense.

^{xvii} Dicionário dos símbolos (2010), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

^{xviii} Canção de Siba e a Fuloresta do Samba (2007).

^{xix} Frase de Franz Kafka do conto: o silêncio das sereias.

Organização / Organised by

Coorganização / Co-organised by

Porto.

m matosinhos

GAIA
TODO UM MUNDO

Coprodução / Co-produced by

SERRAVES

balleteatro

COLISEU
PORTO
ageas

**TEATRO
MUNICIPAL
MATOSINHOS**
CONSTANTINO NERY
m matosinhos

Palácio do
Bolhão
ACE
Teatro do Bolhão

**CASA
D'ARTE
CULTURA**

Mecenas / Sponsored by



 **Fundação "la Caixa"**

Apoio à programação francesa / Support for French programming



**AMBASSADE
DE FRANCE
AU PORTUGAL**

*Liberté
Égalité
Fraternité*

**INSTITUT
FRANÇAIS**

Parcerias / Partnerships

 **RTP2**



 **STCP**

FEMiNA

DDD — Festival Dias da Dança

18.04.—30.04.2023